



Cristina Fonseca
Engenheira civil, MSc,
Coordenadora do Departamento
de Hidráulica e Recursos Hídricos da A1V2

Contrariámos a física ao estarmos presentes e ausentes ao mesmo tempo

A emigração maciça nos anos 60 e 70 que procurava melhores condições de vida contrasta atualmente com um novo tipo de emigração, a emigração sem sair do país. Alguns de nós não necessitaram “dar o salto” para se sentirem emigrantes, se considerarmos que um emigrante é alguém que sai do país, mas tendo como ponto de referência não literal, a saída e entrada noutra país, os projetistas que trabalham para multinacionais não são mais do que emigrantes ou talvez a palavra mais apropriada seja migrantes. De manhã podemos estar a projetar para a Argélia, à tarde para o Qatar e nos intervalos entre estes mundos estamos fisicamente em Portugal. No mesmo dia percorremos vários países, contactamos várias culturas, ouvimos, escrevemos e lemos noutras línguas, sabemos os códigos de conduta de outros povos, os seus hábitos e costumes, as suas religiões, o seu sistema político, as legislações que os regem e esta ginástica mental diária afasta-nos cada vez mais do nosso Portugal.

Aprendemos a identificar oportunidades, a elaborar estratégias, melhorámos a transferência de informação, tivemos de responder a padrões internacionais muito diferentes dos que estávamos habituados mas ganhámos consciência da nossa presença global.

Nas conversas com colegas a opinião é unânime, seria impensável há alguns anos (poucos) que num concurso público de grande dimensão em Portugal se estipulasse que o critério de adjudicação fosse o valor mais baixo de honorários.

Quando ainda se valorizava a qualidade neste país, sabíamos o que poderíamos melhorar para nos tornarmos mais competitivos, neste momento basta apresentar um valor absurdamente baixo et voilà, a proposta está ganha. Propostas com honorários excessivamente baixos não podem ter qualidade, não podem ter bons quadros técnicos e profissionais com experiência. Com esta visão estreita de poupar uns trocos, os organismos públicos promovem e aceitam maus projetos, más construções e o que se poupa hoje vai ser pago exponencialmente no futuro.

Recordo, utilizando a palavra que mais nos caracteriza, saudade do tempo em que contribuíamos para o nosso país, agora resta-nos continuar a contribuir para outros povos viverem melhor e utilizar os nossos técnicos e a nossa experiência ao serviço do bem-estar dos outros e não do nosso.

Contrariámos a física ao estarmos presentes e ausentes ao mesmo tempo e julgo que esta situação não se vai alterar tão depressa.